

Unicamp cria Central de Tradutores e Intérpretes de Língua

Pouca gente sabe, mas a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficializada no Brasil em 2002, sendo reconhecida como direito linguístico dos surdos. Em 2005, foi editado o Decreto nº 5.626 que instituiu a Libras como disciplina curricular nos cursos de graduação em Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, se estendendo, a partir de um ano da publicação do Decreto, para as demais licenciaturas. Este Decreto também regulamenta a obrigatoriedade do intérprete de Libras no ensino fundamental, médio e superior.

Desde janeiro de 2015, começou a funcionar na Unicamp a Central de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS). O objetivo principal da Central TILS é traduzir as aulas para os alunos regulares dos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade. O projeto é encampado pela Pró-Reitoria de Graduação (PRG) da Unicamp e está alocado na Diretoria de Logística e Infraestrutura para o Ensino (DLIE).

“Com o apoio e envolvimento do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Oliveira da Silva Porto (Cepre), estamos suprindo essa relevante lacuna e promovendo a inclusão em sua integralidade na Universidade”, diz o pró-reitor de Graduação da Unicamp, Luis Alberto Magna.

Por ser referência no serviço com surdos há mais de 42 anos, o Cepre sempre fez a tradução para Libras de maneira informal em toda a Universidade. Com a implantação da TILS e a contratação de dois tradutores que atuam de acordo com as leis que regem a profissão de intérprete de Libras, o serviço passou a ser oferecido de maneira regular, inicialmente, na pós-graduação.

“A prioridade são as aulas de pós-graduação, onde temos cinco alunos surdos atualmente. Caso haja algum aluno surdo que entre na graduação, após passar pelo crivo do vestibular da Unicamp, ele também será atendido. Os diretores estão cientes das regras para fazer uso da Central TILS”, diz Angélica Bronzatto de Paiva e Silva, coordenadora do Cepre.

A Central TILS funciona todos os dias, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 21h, e atende, de quarta a sexta-feira, exclusivamente, os alunos de pós-graduação. As aulas e a tradução do intérprete são filmadas, editadas e disponibilizadas na internet. Nos outros dois dias da semana, os intérpretes preparam aulas, estudam textos e sinais acadêmicos, tiram dúvidas por videoconferência e atendem eventos dentro da Unicamp, onde seja necessária a tradução para Língua de Sinais.

“Depois de um longo tempo traduzindo, a qualidade tende a cair. Para que não seja comprometida a qualidade de ensino, a tradução é feita por dois intérpretes que se revezam a cada 30 minutos. Todos os eventos em que o surdo quiser participar como aluno, eles acompanham”, explica a pedagoga Andrea da Silva Rosa, coordenadora da Central TILS e intérprete de sinais desde 2005.

Com longa experiência na área de Língua de Sinais, ela afirma que para ser intérprete de sinais é necessário ter postura ética, capacidade de ouvir um assunto e conhecimento linguístico para traduzir uma tese, participar de banca de defesa de mestrado ou qualquer outro evento acadêmico-científico.

“O surdo é bilíngue. Para ele, a Língua de Sinais é a primeira língua e o português é considerado como língua estrangeira, assim como o inglês é considerado outro idioma para os ouvintes. Há palavras que não tem similar para Libras”, explica Andrea.

Lilian Ferreira é, há quatro anos, intérprete de língua de sinais. Ela se profissionalizou em 2012 e agora faz parte da equipe da Central TILS.

de Sinais para atender alunos surdos

Ela diz que se encantou com a língua e com a forma de comunicação das pessoas surdas e que até já namorou um surdo. “Foi quando adquiri fluência”, revela.

Ao acompanhar a estudante surda Débora Gonçalves Ribeiro Dias durante as aulas do curso de pós-graduação em Desenvolvimento Humano, Saúde e Reabilitação, Lilian diz que o maior desafio é o vocabulário. “Eu nunca tinha interpretado na área médica. Há doenças que usam siglas. Às vezes, temos que construir o sinal com o aluno ou usar a datilologia para soletrar o termo”, explica.

Débora Dias tem duas graduações – uma em pedagogia e outra em letras libras. Desde o ensino médio ela revela que teve dificuldades em acompanhar as aulas devido à surdez. “Foi bem complicado, mas não desisti”, diz.

Ao ter a oportunidade de fazer o curso com a presença de um intérprete de Língua de Sinais, a mestrandia revela que, com a intérprete, ela tem a mesma dificuldade que os alunos ouvintes a respeito do conteúdo, mas consegue acompanhar a aula. “Isso precisa ser mantido por tempo indeterminado dentro da Unicamp”, pede a aluna.

Diego Henrique de Assis da Conceição é intérprete de Língua de Sinais há três anos e reveza com Lilian a atuação como intérprete dentro do projeto da Central TILS. Ao terminar o curso de Filosofia, mostrou aptidão para trabalhar como tradutor de libras. Fez pós-graduação em docência no ensino superior e interpretação de libras e ficou imerso no contato com surdos.



A Central TILS atenderá, inicialmente, os alunos de pós-graduação da Unicamp

“Comecei inexperiente, somente com uma pós-graduação, sem muito contato com a comunidade surda. A aluna que acompanhei, no primeiro ano, foi muito acolhedora, fez troca de sinais comigo e aprendi muito”, revela Diego.

Segundo Diego, todo mundo tem medo daquilo que é novo e, às vezes, ao se deparar com uma pessoa surda, não sabe o que fazer. “Eles não escutam, mas percebem sua expressão facial. Alguns fazem a leitura dos lábios e conseguem responder através da fala. Existem várias formas de se comunicar com o surdo. É preciso deixar o medo e preconceito de lado”, comenta.

Hoje, com toda a política de inclusão, os surdos estão ocupando os espaços de direito e conseguindo acesso à escola e ao ensino superior. A Língua de Sinais é da comunidade surda, mas é, também, uma língua brasileira.

“Esse é um projeto extra-muros, pois os alunos ouvintes da pós-graduação estão vivenciando uma nova metodologia de ensino e poderão reivindicá-la nos locais onde trabalharem. É um avanço em sala de aula”, diz Maria Inês R. Souza Nobre Gomes, coordenadora adjunta do Cepre. 🏠

Texto: Edimilson Montalti
Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da FCM, Unicamp